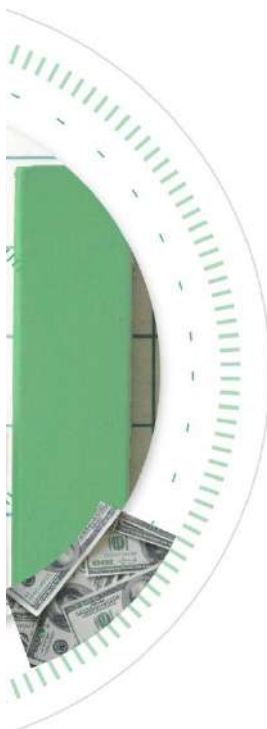


Comportamento Semanal de Mercado

24 de novembro a 1 de dezembro



Rigidez nas expectativas



Apesar da aceleração na margem no IPCA-15, o processo de desinflação persiste, com os dados qualitativos apontando um quadro benigno. Na comparação anual, o índice encerrou com uma alta de 4,84% a.a. ante 5,05% em out/23 e a média dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central (BC) ficou em 4,57% a.a. contra 4,84% a.a. em out/23. A média móvel trimestral (MM3) das medidas subjacentes com ajuste sazonal encerram em 3,82% a.a. (3,80% em out/23) para serviços, em 1,75% a.a. para alimentação (-0,50% a.a. em out/23) e em -1,66% a.a. para bens industriais (0,88% a.a. em out/23). Apesar desse comportamento, há uma rigidez nas projeções inflacionárias no Boletim Focus que há tempos têm permanecido desancoradas no horizonte relevante para a política monetária, alcançando 3,92% para 2024 e 3,50% para 2025.

Ainda que com arrefecimento, o mercado de trabalho manteve uma trajetória positiva. Em outubro, o Caged reportou a criação líquida de 190,4 mil vagas e com os dados do trimestre findo em outubro, a Pnad Contínua mostrou que a taxa de desemprego ficou em 7,6% da população ativa. Entretanto, o cenário para a indústria é de estagnação, operando apenas 0,3% acima do volume observado em dez/22 e -1,6% abaixo de fev/20, com os efeitos da queda na taxa Selic ainda não se fazendo sentidos, como a política monetária deverá permanecer restritiva, é improvável uma alteração no médio prazo desse cenário. Com o aumento da aversão ao risco nos mercados globais, em novembro, os indicadores de sentimento da FGV indicaram uma piora na confiança em quase todos os setores, a exceção ficou para a indústria que exibiu uma recuperação na margem. Com isso, esta semana as atenções se voltam para os dados do PIB no 3T23, que devem indicar uma variação negativa no trimestre.

Com a trajetória positiva da inflação e a sinalização pelo BC da manutenção do ritmo de cortes da taxa Selic em -0,50 p.p., a curva de juros futuros encerrou a semana com queda nos prêmios, alavancada pelo movimento observado no exterior. Assim, a taxa real de juros *ex-ante* acumulou uma retração de -0,17 p.p. na semana para 6,20% a.a., permanecendo em patamar fortemente restritivo. As projeções no Boletim Focus continuam projetando mais 4 cortes de -0,50 p.p. nas próximas reuniões.

Apesar da 2ª leitura do PIB dos EUA no 3T23 vir acima do esperado, houve na semana uma propensão maior ao risco dos investidores com o presidente do *Federal Reserve* (Fed) declarando a sua expectativa de desaceleração da atividade no último trimestre de 2023 e a confirmação do processo desinflacionário no PCE. O Livro Bege ratificou esse sentimento e a continuação na redução na demanda de trabalho nos EUA, reduzindo a rentabilidade dos *Treasuries*, alentando as especulações acerca do início da flexibilização monetária e reduzindo a cotação do dólar no mercado de câmbio internacional.

Ainda para esta semana, destaques para os dados do setor externo, do setor de veículos, as estatísticas fiscais, o IGP-DI, o PMI serviços na Zona do Euro, China e EUA, além da inflação chinesa ao consumidor e no atacado.

Expectativas

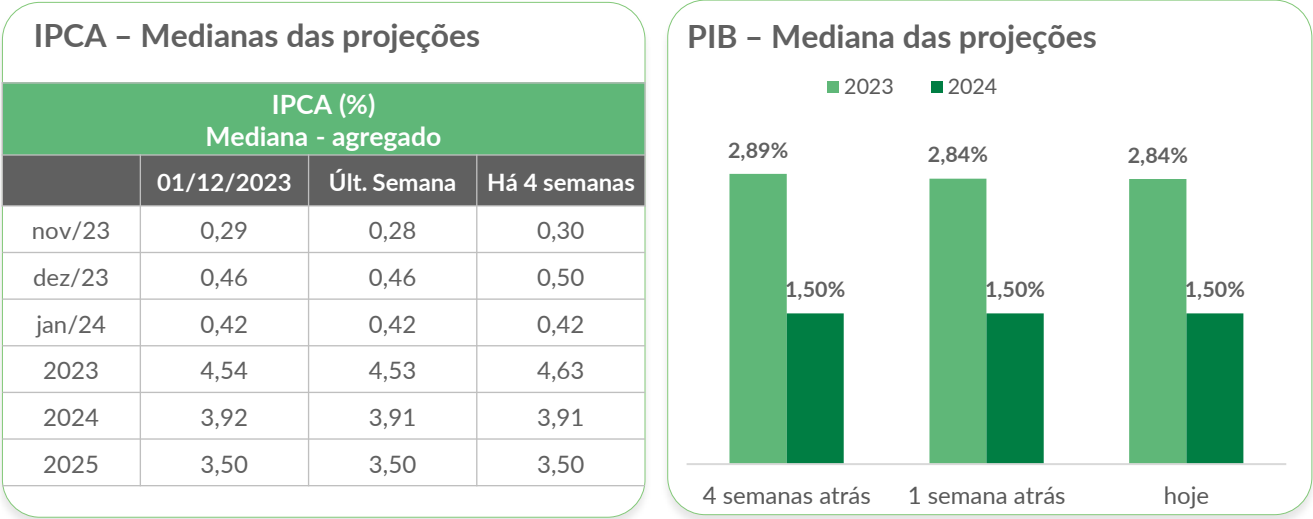
Em relação à semana anterior, o Boletim Focus apresentou poucas alterações. No que tange às expectativas inflacionárias, apesar da dinâmica benigna na evolução dos preços, queda nos preços do petróleo e apreciação cambial, as projeções continuam desancoradas. Na semana, a mediana das projeções para o IPCA de novembro passou de 0,28% para 0,29%, a de dezembro continuou em 0,46% e a de janeiro em 0,42%. Com isso, o IPCA esperado para 2023 variou de 4,53% para 4,54% (4,63% há 4 semanas), dentro do intervalo previsto para a meta. No horizonte relevante para a política monetária, a previsão para o IPCA para 2024 oscilou de 3,91% para 3,92% (3,91% há 4 semanas). Para 2025, há 19 semanas consecutivas manteve-se em 3,50%. Na pesquisa mensal, as distribuições de frequência indicaram uma piora, com as estimativas da inflação para 2024 abaixo de 4,27% passando de 92,4% em 31/10 para 88,9% em 30/11.

A curva da inflação implícita construída com base na negociação das NTN-Bs apontou quedas semanais nas projeções de 1 ano de 4,05% para 3,87%, de 2 anos de 4,34% para 4,16% e de 3 anos de 4,63% para 4,42%.

Acompanhando as sinalizações do Copom, o Focus estima 1 redução de -0,50 p.p. na Meta Selic na próxima reunião, com o indicador encerrando 2023 em 11,75% a.a.. O processo de flexibilização se estenderia ao longo de 2024, com 4 reduções de -0,50 p.p. e 2 de -0,25 p.p. para fechar o ano em 9,25% a.a., patamar que tem se mantido há 5 semanas. Para o final de 2025, a projeção reduziu-se de 8,75% a.a. para 8,50% a.a.. Na mesma pesquisa com as distribuições mensais de frequência, 54,0% dos respondentes acreditam que a Selic terminará 2024 entre 9,00% e 9,75% a.a., percentual acima dos 41,0% estimados em 31/10.

A mediana das projeções para o crescimento da atividade econômica para esse ano acomodou-se em 2,84% e em 1,50% para 2024, ao passo que para 2025 variou de 1,93% para 1,90%. A volatilidade recente na taxa de câmbio à vista pouco tem influenciado nas projeções. A estimativa para esse ano oscilou de R\$/US\$ 5,00 para R\$/US\$ 4,99, a de 2024 de R\$/US\$ 5,05 para R\$/US\$ 5,03, mantendo-se em R\$/US\$ 5,10 para 2025.

Apesar das incertezas em relação ao cumprimento da meta fiscal em 2024, o Focus continua projetando pela 9ª semana consecutiva um déficit primário de -1,10% do PIB para 2023, e por 4 semanas seguidas as estimativas de -0,80% do PIB para 2024 e de -0,60% do PIB para 2025.



Fonte: BCB/Focus. Elaboração ABBC

Economia Internacional

A 2ª leitura do PIB dos EUA no 2T23 foi de um aumento anualizado de 5,2%, superando a alta de 4,9% da 1ª leitura e a mediana de expectativas de analistas consultados pelo FactSet. Dessa forma, observou-se uma aceleração ainda maior da economia em relação ao 2T23, quando se teve uma expansão anualizada de 2,1%. Na semana, o presidente do Fed, Jerome Powell, assinalou que o número limitado de dados disponíveis aponta para uma desaceleração no último trimestre de 2023, como resposta aos efeitos cumulativos do aperto monetário.

A desinflação nos gastos dos consumidores (PCE) manteve-se. Em outubro, o PCE acumulou uma alta de 3,0% a.a. ante 3,4% em set/23 e 6,3% a.a. em out/22. Já a medida de núcleo, que exclui os gastos mais voláteis, encerrou com alta de 3,5% a.a. contra 3,7% a.a. em set/23 e 5,3% a.a. em out/22.

O Livro Bege do Fed que é uma espécie de sumário das condições econômicas do país, subsidiando as decisões de política monetária, ratificou o entendimento dos empresários de que, desde outubro, o ritmo de expansão da atividade vem perdendo intensidade e reduzindo, também, as perspectivas para os próximos 6 a 12 meses.

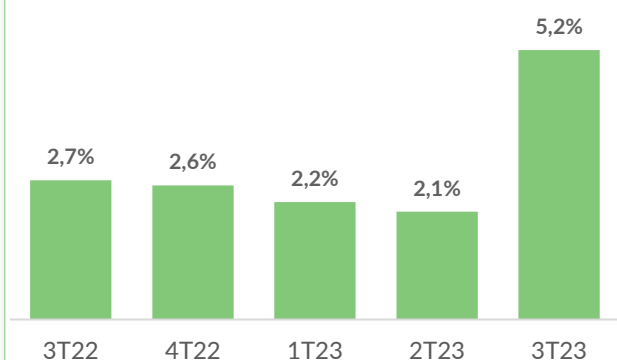
A procura de mão de obra continuou diminuindo, embora o mercado de trabalho prossiga apertado, com escassez de trabalhadores qualificados, e os salários estejam aumentando moderadamente. Os consumidores estão mais sensíveis aos preços, o setor imobiliário segue desacelerando. A demanda por empréstimos ao setor privado diminuiu, ainda que a concessão de crédito ao consumidor permaneça saudável.

A evolução da atividade e preços aumenta a probabilidade de que ocorra um “pouso suave” da economia, com o aperto monetário sendo suficiente para controlar a inflação e apenas esfriar a atividade. Este cenário, fundamenta as apostas de que o Fed não deverá subir mais a taxa básica de juros, abrindo espaço para a discussão acerca do início do ciclo de afrouxamento monetário.

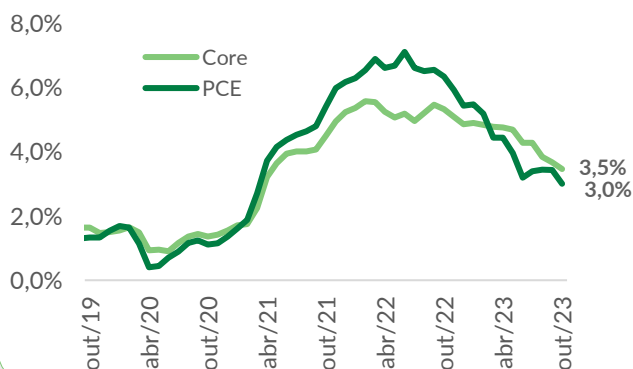
A inflação ao consumidor (CPI) na Zona do Euro desacelerou mais do que o esperado em novembro. Pela leitura preliminar, houve uma alta de 0,5% no mês, com o indicador fechando em 2,4% a.a. ante 2,9% a.a. em out/23 e uma expectativa de mercado de 2,8% a.a.. O núcleo, que exclui preços de alimentação e energia, encerrou com uma redução mensal de -0,6% e de 3,6% a.a. contra 4,2% a.a. em out/23. Os dados reforçam a perspectiva de convergência da inflação à meta 2,0%, alimentando as apostas de que o Banco Central Europeu (BCE) tenha encerrado seu ciclo de aperto monetário.

Na China, o índice de gerentes de compras (PMI) contraiu-se pelo 2º mês consecutivo, saindo de 49,5 em outubro para 49,4 em novembro. Lembrando que o indicador abaixo de 50,0 denota pessimismo em relação ao crescimento. Ademais, o resultado também ficou abaixo da mediana das projeções do *The Wall Street Journal* de 49,8. Os dados reforçam a percepção de perda de força no processo de recuperação, apesar dos diversos esforços do governo, principalmente no setor imobiliário.

EUA: PIB
Taxa anualizada



EUA: Inflação
Personal Consumption Expenditures (PCE)



Aversão ao Risco

Apesar da 2ª leitura do PIB dos EUA no 3T23 vir acima do esperado, houve na semana uma propensão maior ao risco dos investidores com o presidente do Fed declarando a sua expectativa de desaceleração da atividade no último trimestre de 2023 e a confirmação do processo desinflacionário no PCE. O Livro Bege ratificou esse sentimento e a continuação na redução na demanda de trabalho nos EUA, reduzindo a rentabilidade dos *Treasuries*, alentando as especulações acerca do início da flexibilização monetária e reduzindo a cotação do dólar no mercado de câmbio internacional.

De acordo com a ferramenta *Fedwatch* do CME Group, na sexta-feira (01/12), a probabilidade de uma redução de -0,25 p.p. nos *Fed Funds* era de 14,3% na reunião de janeiro e de 55,1% na reunião de março.

Com isso, observaram-se reduções de -0,36 p.p. para 4,56% a.a. na rentabilidade da *T-Note* de 2 anos (4,83% a.a. há 4 semanas), de -0,35 p.p. para 4,14% a.a. na de 5 (4,49% a.a. há 4 semanas), de -0,25 p.p. para 4,22% a.a. na de 10 (4,57% a.a. há 4 semanas) e de -0,20 p.p. para 4,40% a.a. na de 30 anos (4,77% a.a. há 4 semanas). O movimento foi seguido pelo exterior, com os retornos dos *bonds* alemão recuando -0,39 p.p. para 2,68% a.a. no de 2 anos, -0,35 p.p. para 2,26% a.a. no de 5, -0,28 p.p. para 2,36% no de 10 e -0,19 p.p. para 2,63% a.a. no de 30 anos. Os retornos dos títulos britânicos apresentaram reduções de -0,18 p.p. para 4,51% a.a. no de 2 anos, de -0,22 p.p. para 4,10% a.a. no de 5, de -0,14 p.p. para 4,14% a.a. no de 10 e de -0,07 p.p. para 4,67% a.a. no de 30 anos.

Com a melhor percepção de risco, as principais bolsas internacionais registraram ganhos, com exceção às asiáticas, com uma redução de -0,6% no Nikkei 225 e de -0,3% no Xangai. Destaques para as elevações de 2,4% no Dow Jones, de 2,3% no DAX 40, de 0,8% no S&P 500 e de 0,5% no FTSE 100. Com a piora nas perspectivas para o comércio global, verificaram-se quedas nas cotações das *commodities* metálicas, alimentícias e energéticas, com retrações de -2,1% no preço do barril de petróleo tipo Brent, de -1,1% no minério de ferro negociado em Qingdao e de -0,4% na saca de soja em Chicago.

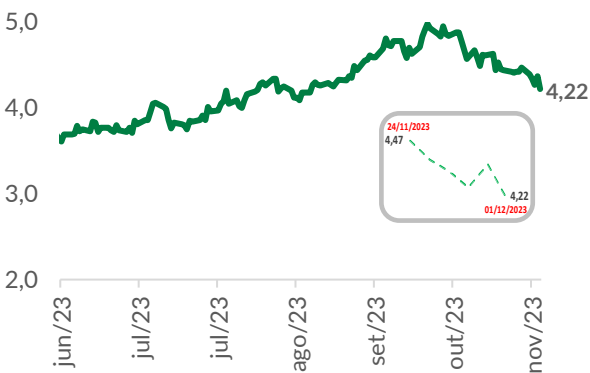
O risco soberano brasileiro medido pela cotação do CDS de 5 anos recuou -3,0 bps. na semana para 145,3 bps, em linha com a melhora do sentimento no exterior. Apoiado nas ações mais sensíveis ao ciclo de afrouxamento monetário, o Ibovespa manteve a sua trajetória de recuperação, acumulando uma alta de 2,1% na semana, encerrando acima dos 128 mil pts..

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	01/12/2023	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	128.185	2,1%	11,4%	15,6%
Nasdaq	14.305	0,4%	9,5%	24,6%
S&P	4.595	0,8%	8,4%	12,7%
Dow Jones	36.246	2,4%	8,9%	5,4%
FTSE 100	7.529	0,5%	2,5%	-0,4%
DAX 40	16.398	2,3%	9,9%	13,2%
Nikkei 225	33.432	-0,6%	5,8%	18,4%
Xangai	3.032	-0,3%	0,3%	-4,2%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

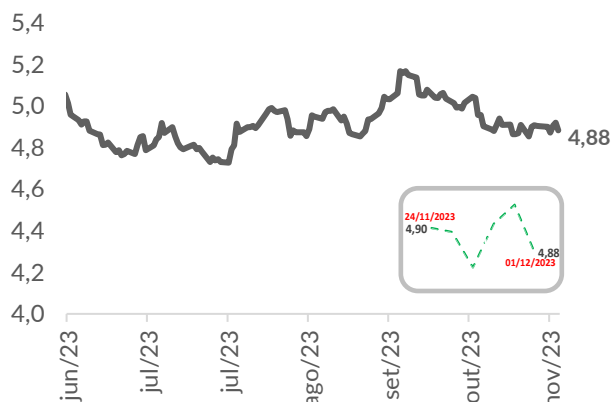
Câmbio

Em linha com o alívio nos retornos das *T-Notes*, o dólar perdeu força durante a semana. O *Dollar Index*, que mede a variação da moeda norte-americana frente às de países desenvolvidos, recuou -0,13% no período, refletindo a depreciação de 0,51% no euro e a apreciação de 0,84% na libra esterlina.

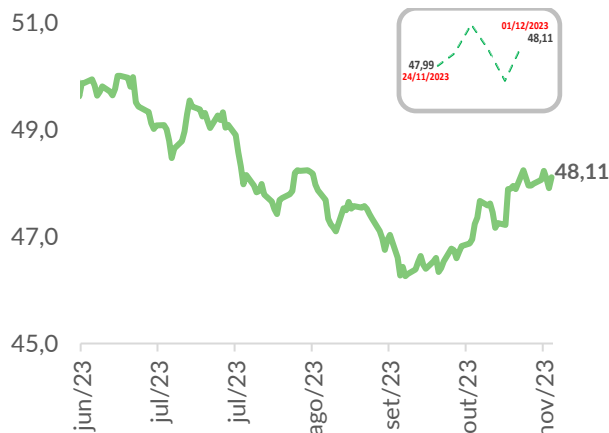
Em consonância, o índice que calcula o desempenho de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar subiu 0,24% na semana. Contudo, houve as depreciações de 2,13% no rublo russo, de 0,97% no peso argentino e de 0,44% no peso mexicano. Como contrapartida, ocorreram as apreciações de 1,87% no peso colombiano, de 0,68% no rand sul-africano e de -0,10% na rúpia indiana.

Com um fluxo cambial positivo de US\$ 264 milhões na última semana de novembro, o real apreciou-se em 0,40% e o dólar fechou cotado a R\$ 4,88, acumulando apreciação de 1,49% no mês e de 5,94% em 12 meses. Com isso, no montante de US\$ 15,1 bilhões, o BC deu início a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/02/2024.

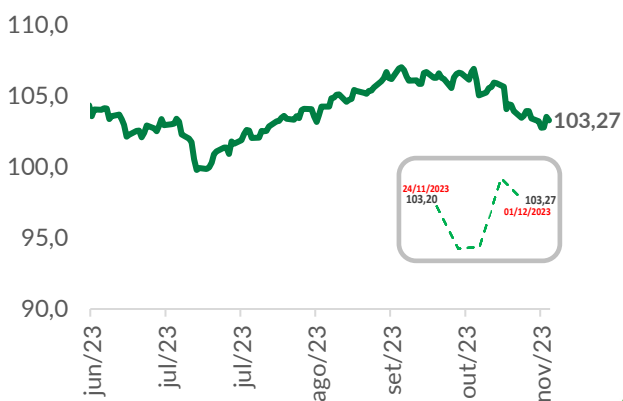
Real/US\$



Índice de Emergentes*



Dollar Index



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rúpia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

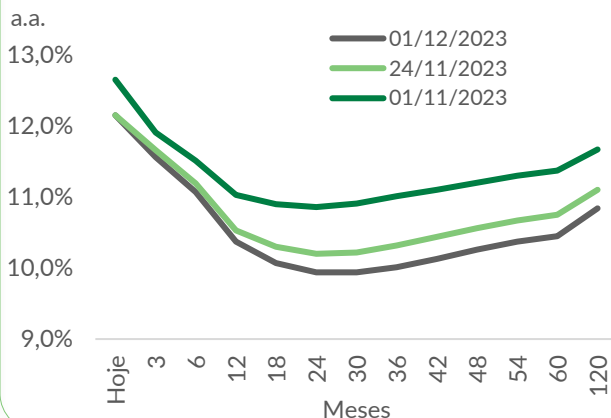
Sem grandes surpresas no IPCA-15 de novembro, com a manutenção dos dados qualitativos positivos e sinalização da manutenção do ciclo de cortes da taxa Selic em -0,50 p.p. nas próximas reuniões houve uma queda nos prêmios de todos os vértices da Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ).

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses recuou de 11,19% a.a. para 11,07% a.a., a de 1 ano de 10,53% a.a. para 10,37% a.a., a de 2 de 10,20% a.a. para 9,94% a.a., a de 3 de 10,32% a.a. para 10,01% a.a., a de 4 de 10,56% a.a. para 10,26% a.a., a de 5 de 10,75% a.a. para 10,45% a.a. e a de 10 anos saiu de 11,10% a.a. para 10,84% a.a..

Com a redução de -0,16 p.p. na semana para 10,37% a.a. na taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias e a inflação esperada para os próximos 12 meses subindo 0,01 p.p. no mesmo período para 3,92%, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 6,20% a.a., o que significou uma redução de -0,17 p.p., contudo mantendo-se em patamar ainda consideravelmente acima da taxa neutra calculada pelo BC de 4,50% a.a..

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, caiu -0,10 p.p. na semana para 0,47 p.p.. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, recuou -0,09 p.p. no mesmo período, fechando em 0,73 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros

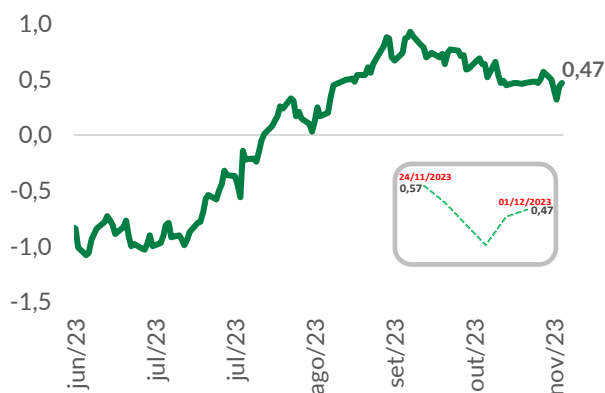


Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA-15 – Nov/23

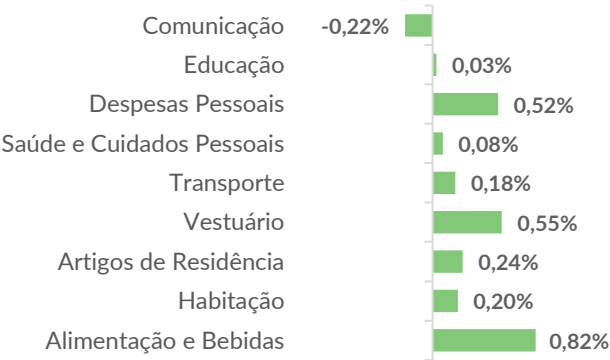
O IPCA-15 aumentou o seu ritmo de crescimento, saindo de 0,21% em out/23 para 0,33% em novembro. O número superou a mediana das projeções no Valor Data, que apontava para uma alta de 0,29%. No mês, as principais contribuições advieram do aumento de 0,82% no grupo de alimentação e bebidas (+0,17 p.p.), 0,52% em despesas pessoais (+0,05 p.p.), de 0,18% em transporte (+0,04 p.p.) e de 0,55% em vestuário (+0,03 p.p.).

Apesar da aceleração na margem, o processo de desinflação persiste, com os dados qualitativos apontando um quadro benigno. Na comparação anual, o índice encerrou com uma alta de 4,84% a.a. ante 5,05% em out/23 (6,18% a.a. em nov/22). Na mesma base comparativa, a média dos 5 núcleos acompanhados pelo BC ficou em 4,57% a.a. contra 4,84% a.a. em out/23 (9,42% a.a. em nov/22).

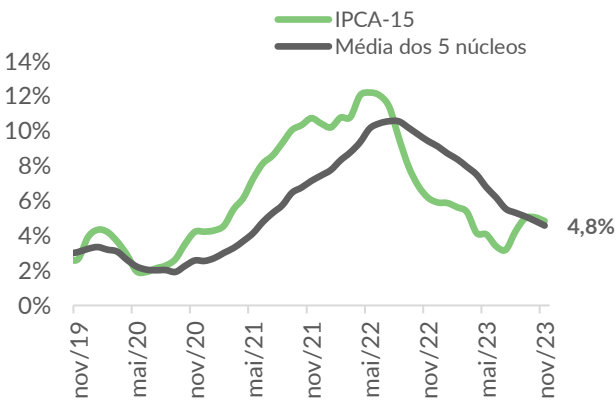
O comportamento benigno é observado nas medidas subjacentes, com a alimentação subindo 3,40% a.a. contra 3,80% a.a. em out/23 (14,84% a.a. em nov/22), o grupo serviços mostrando uma alta de 4,60% a.a. contra 4,88% a.a. em out/23 (9,14% a.a. em nov/22), e o de bens industriais elevando-se em 3,63% a.a. ante 4,79% em out/23 (13,55% a.a. em nov/22).

As medidas subjacentes, na variação anual da média móvel trimestral (MM3) com ajuste sazonal, confirmam o quadro positivo. A MM3 para serviços subjacentes era de 3,82% a.a. (3,80% em out/23 e 6,93% a.a. em nov/22), era de 1,75% a.a. para alimentação (-0,50% a.a. em out/23 e 7,80% a.a. em nov/22) e de -1,66% a.a. para bens industriais (0,88% a.a. em out/23 e 11,42% a.a. em nov/22).

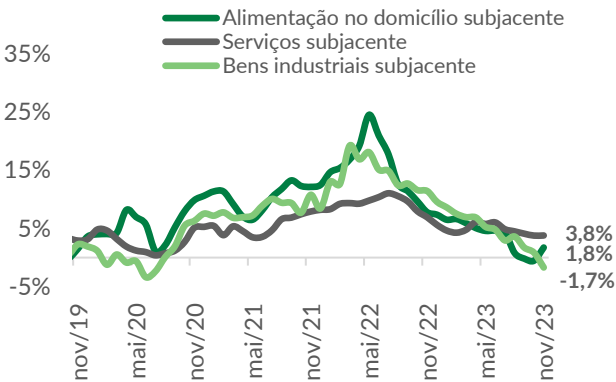
Variação Mensal Por grupo



Variação Anual



Variação Anual MM3 dessazonalizada



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

IGP-M – Nov/23

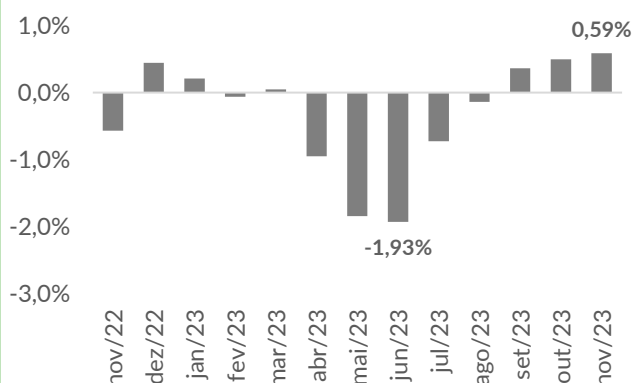
O IGP-M subiu 0,59% em novembro ante uma alta de 0,50% em out/23. Desse modo, a variação anual saiu de -4,57% a.a. em out/23 para -3,46% a.a.. Após avançar 0,60% em out/23, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), registrou um aumento 0,71% em novembro, com a taxa anualizada variando de -7,60% a.a. em out/23 para -6,07% a.a..

Na análise por estágios de processamento, o índice de Bens Intermediários (ex) (excluindo o subgrupo de combustíveis e lubrificantes para a produção) subiu 0,71% em novembro, após alta de 0,38% observada em out/23. O estágio das Matérias-Primas Brutas registrou um aumento de 0,97% em novembro, os principais contribuintes para esse resultado foram do minério de ferro (4,91% para 1,14%), bovinos (6,97% para 2,03%) e cana-de-açúcar (2,59% para 0,40%). Por outro lado, alguns itens apresentaram um movimento oposto, destacando-se: soja em grão (-2,45% para -0,01%), mandioca/aipim (-4,80% para 8,29%) e café em grão (-1,60% para 6,36%).

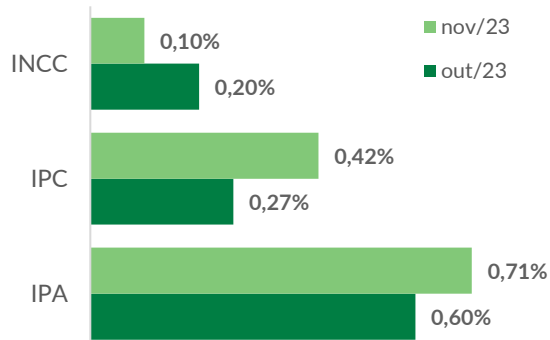
O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) subiu 0,42% em novembro, após variar 0,27% em out/23, houve acréscimo nas taxas de variação em Alimentação (-0,39% para 0,58%), Despesas Diversas (0,06% para 1,29%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,21% para 0,29%) e Habitação (0,19% para 0,20%). Vale destacar o comportamento dos seguintes itens dentro das classes de despesas, Serviços bancários (0,12% para 2,19%), Salão de beleza (0,13% para 0,62%). Por sua vez, os grupos Educação, Leitura e Recreação (2,99% para 2,05%), Transportes (-0,12% para -0,25%), Vestuário (0,15% para 0,09%) e Comunicação (0,07% para -0,05%) apresentaram decréscimo em suas taxas de variação.

Em novembro, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) apresentou uma variação de 0,10%. Isso representa uma ligeira redução em comparação com a taxa de 0,20% registrada em outubro. Os 3 grupos que compõem o INCC tiveram as seguintes variações na transição de outubro para novembro: Materiais e Equipamentos (0,07% para -0,17%), Serviços (0,79% para 0,39%) e Mão de Obra (0,29% para 0,42%).

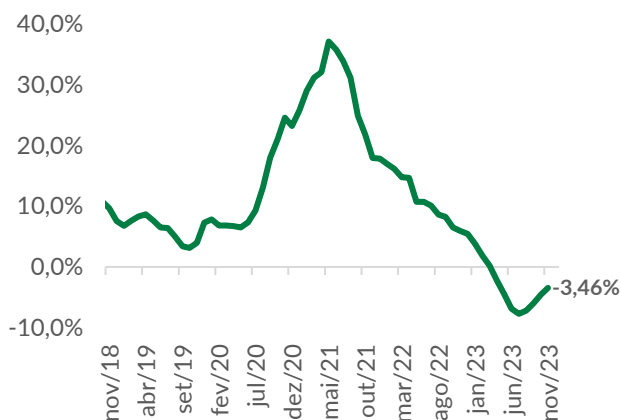
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Emprego – Out/23

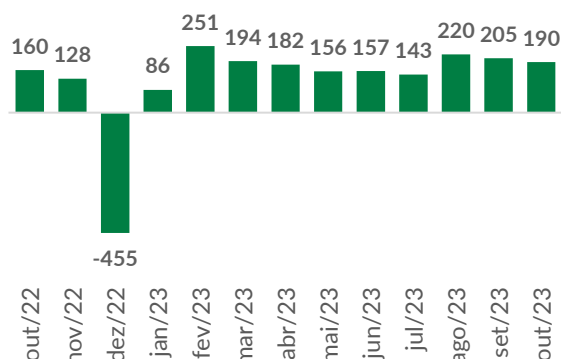
Ainda que em menor intensidade, o mercado de trabalho manteve uma trajetória positiva. Em outubro, o Caged reportou a criação líquida de 190,4 mil vagas após a criação de 205,1 mil postos no mês anterior. O resultado do mês contou com 1.941,3 mil admissões e 1.750,9 mil demissões. Considerando-se as declarações fora do prazo, foram registradas 1,78 milhão de vagas no acumulado do ano, tornando mais improvável a meta de criação de 2 milhões de postos em 2023.

Com os dados do trimestre findo em outubro, a Pnad Contínua mostrou que a taxa de desemprego ficou em 7,6% da população ativa, o que representou quedas de -0,3 p.p. em relação ao trimestre finalizado em jul/23 e de -0,7 p.p. em 12 meses. O contingente ocupado encerrou em 100,2 milhões de pessoas, com elevações de 0,9% quando comparado com o trimestre findo em jul/23 e de 0,5% a.a.. Com reduções de -3,1% no trimestre e de -8,5% a.a., o total de pessoas desocupadas fechou em 8,3 milhões de pessoas. Apesar da recuperação, a taxa de participação, percentual de pessoas em idade de trabalhar (14 anos ou mais) que estão empregadas ou em busca de trabalho, segue abaixo da sua média histórica, mesmo com a alta de 0,2 p.p. em relação ao trimestre findo em jul/23 para 61,9%, ainda acumula uma redução de -0,7 p.p. frente ao mesmo período do ano anterior. Vale registrar que a taxa média de participação em 2019 era de 63,6%.

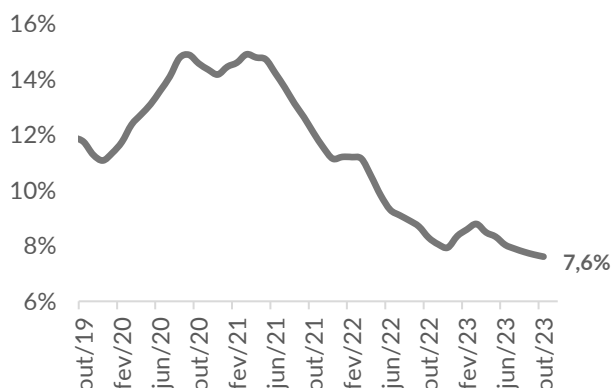
De positivo, continua o movimento mais intenso na recuperação nas contratações com carteira assinada. Dentre os empregados no setor privado, as vagas com carteira acumularam elevações de 1,7% quando comparadas com o trimestre findo em jul/23 e de 2,7% a.a., enquanto as sem carteira cresceram 0,7% no trimestre e recuaram -0,4% a.a..

Por fim, segue o movimento de recuperação do rendimento de todos os trabalhos. A renda real média habitual encerrou o trimestre em R\$ 2.999,00, o que significou elevações de 1,7% no em relação ao trimestre terminado em jul/23 e de 3,8% a.a., levando a massa salarial de todos os trabalhos acumular altas de 2,6% no trimestre e de 4,7% a.a.. Esse comportamento tende a ajudar na elevação do consumo interno.

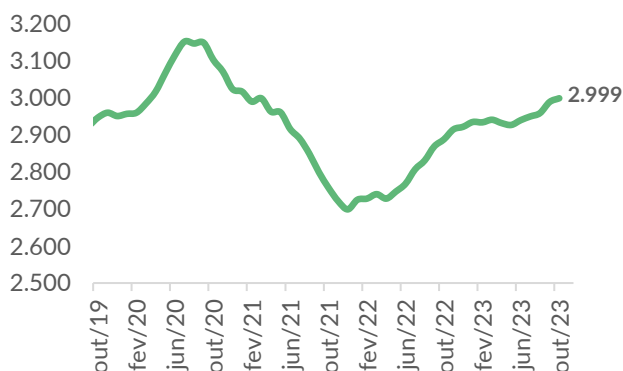
Caged: Saldo Líquido Com declarações fora do prazo



Pnad: Taxa de Desemprego Em % da população ativa – trimestre móvel



Pnad: Rendimento Médio Habitual Em R\$



Fonte: Caged/Pnad Contínua.. Elaboração ABBC

Produção Industrial Mensal – Out/23

Mantendo o baixo dinamismo que foi observado nos últimos meses, a produção industrial subiu 0,1% em outubro, na série com ajuste sazonal. Pelo 2º mês consecutivo, os dados revisados da série mostraram que a produção acumulada em 12 meses se manteve estável em 0,0% a.a. (-1,5% a.a. em out/22). O carregio estatístico apontava um crescimento de 0,2% no 4T23 e uma variação zero no acumulado de 2023.

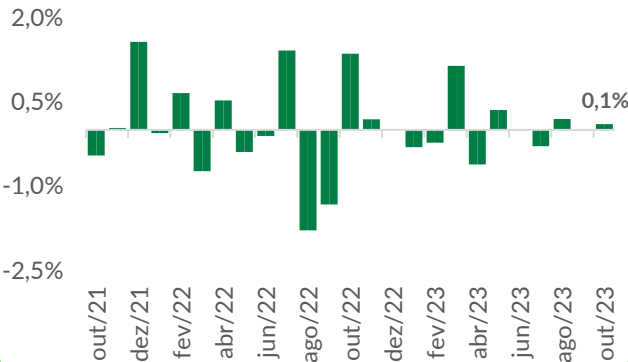
Na abertura por categoria de uso, bens intermediários foi a única a apresentar alta na margem, com um aumento de 0,9% (0,0% a.a. no acumulado em 12 meses). A produção de bens de capital mostrou uma queda de -1,1% na margem (-9,0% a.a. no acumulado em 12 meses), de -1,1% na de bens de consumo (1,8% a.a.) e de -1,6% de bens não especificados (-2,7% a.a.).

Entre as atividades, para o IBGE, a influência positiva mais importante foi a dos produtos alimentícios, com um avanço de 1,6% em outubro. Outras contribuições positivas sobre o total da indústria vieram de produtos farmoquímicos e farmacêuticos (3,7%), de máquinas e equipamentos (2,4%), de produtos de metal (2,3%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (0,9%), de bebidas (1,6%), de máquinas, aparelhos e materiais elétricos (2,3%) e de produtos de borracha e de material plástico (1,3%).

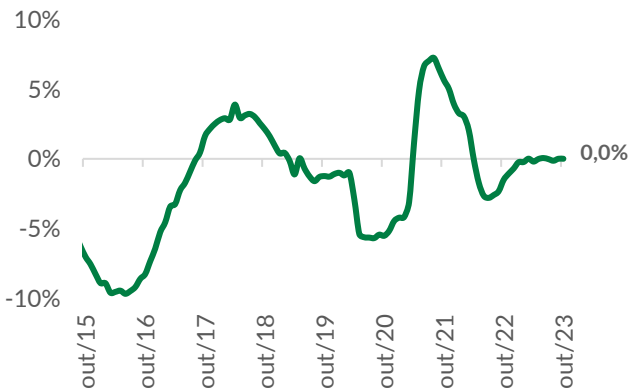
Por outro lado, houve redução na produção de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis (-1,4%) e indústrias extrativas (-1,1%). Vale destacar também os recuos assinalados em equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (-2,6%) e de impressão e reprodução de gravações (-5,8%).

Com relação direta com a taxa de juros, o volume de crédito e a inadimplência, a produção de bens duráveis em outubro estava -7,2% abaixo da verificada em dez/22. Em resumo, o cenário para a indústria é de estagnação, operando apenas 0,3% acima do volume observado em dez/22 e -1,6% abaixo de fev/20, marco do pré-pandemia, e distante dos picos da série histórica. Os efeitos da queda na taxa Selic ainda não se fazem sentidos, como a política monetária permanece restritiva é preciso aguardar os possíveis impactos positivos.

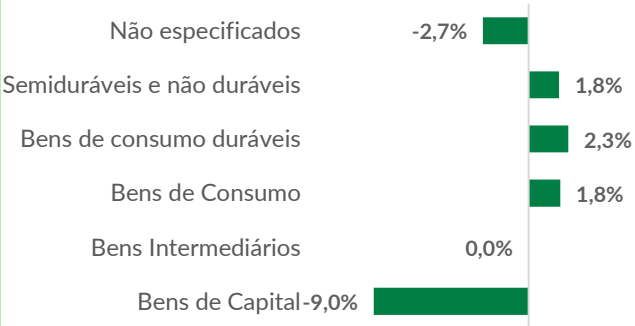
Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Anual
Produção acumulada em 12 meses



Variação Anual
Produção acumulada em 12 meses – por categoria



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Sondagens FGV – Nov/23

Com o aumento da aversão ao risco nos mercados globais, a percepção quanto à situação atual acabou pesando. Em novembro, os indicadores de sentimento da FGV indicaram uma piora na confiança em quase todos os setores, a exceção ficou para a indústria que exibiu uma recuperação na margem.

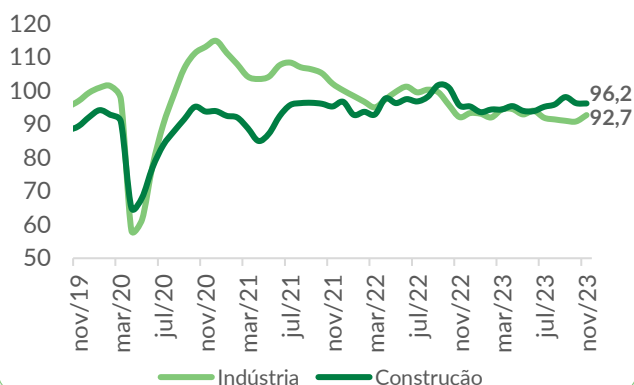
O índice dessazonalizado de confiança do comércio recuou -2,7 pts. no mês para 86,5 pts. (87,2 pts. em nov/22). Em consonância com a perda de dinamismo no setor, o indicador para serviços caiu -0,9 pts. no mês para 94,4 pts. (95,6 pts. em nov/22).

Com redução de -0,2 pt. na margem, o indicador para o consumidor fechou em 93,0 pts. (85,3 pts. em nov/22). Já para o setor de construção civil, o índice oscilou -0,1 pt. no mês para 96,2 pts. (95,6 pts. em nov/22).

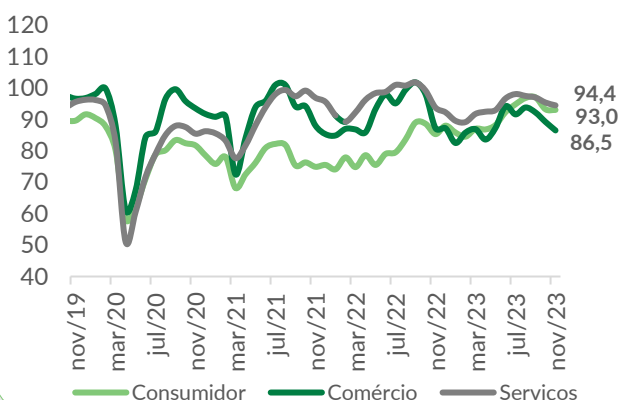
Por sua vez, o índice de confiança da indústria com ajuste sazonal exibiu uma elevação de 1,9 pt. no mês para 92,7 pts. (92,1 pts. em nov/22), beneficiado pela melhor visão quanto à situação atual, que subiu 2,4 pts. na margem.

Por fim, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) da indústria encerrou em 83,0%, acumulando elevações de 0,3 p.p. no mês e de 1,1 p.p. em 12 meses. Já a NUCI da construção recuou -0,3 p.p. na margem, encerrando em 79,0% ante 79,2% em nov/22.

Índices de Confiança Dessazonalizados



Índices de Confiança Dessazonalizados



Utilização da Capacidade Instalada



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	1,8
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,4	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,2	7,5
IPCA (% a/a fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,9
IGP-M (% a/a fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,6	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	74,0	60,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-36,0	-45,5
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	66,0	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,00	5,05
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,3	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0	64,2
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	77,0	80,5



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688